

DO EU ABANDONADO AO EU QUE ABANDONA: UM ESTUDO SOBRE O ABANDONO E SUAS HERANÇAS

Maria Stefany de Almeida Silva[1]
Ubiracelma Carneiro Cunha[2]

RESUMO

Este artigo buscou compreender o contexto do abandono afetivo e seus impactos nos relacionamentos interpessoais, tendo como auxilio o olhar da psicanálise acerca dos traumas oriundos do abandono. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual foi realizada uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados: SciELO e BVS- PSI. Compreende-se que há influências no cenário de heranças geracionais que perpassam o afeto na função parental, sendo aspectos motivados tanto pelo inconsciente quanto pelo consciente. Assim, se faz importante perceber de que forma o sujeito se defende dessa situação traumática original e como ocorre a transferência para suas relações futuras. Neste cenário, a psicoterapia pode contribuir para o rompimento desse padrão de comportamento, oriundo de traumas de abandono.

Palavras chave: Abandono afetivo; Heranças; Relacionamentos interpessoais.

FROM THE ABANDONED SELF TO THE ABANDONING SELF: A STUDY ON ABANDONMENT AND ITS LEGACIES

ABSTRACT

This article sought to understand the context of emotional abandonment and its impact on interpersonal relationships, drawing on psychoanalysis to examine the traumas resulting from abandonment. This is a qualitative study, in which a narrative review of the literature was conducted in the SciELO and BVS-PSI databases. It is understood that there are influences in the scenario of generational inheritance that permeate affection in the parental role, with aspects motivated by both the unconscious and the conscious. Thus, it is important to understand how the subject defends themselves from this original traumatic situation and how the transfer occurs to their future relationships. In this scenario, psychotherapy can contribute to breaking this pattern of behavior, which stems from abandonment trauma.

Keywords: Emotional abandonment; Inheritance; Interpersonal relationships.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade muito se discute sobre a importância de criar uma criança a partir do afeto e boas referência para que ela cresça se sentindo segura e confiante, pois foi entendido que a ausência de afeto traz severas consequências, que impactam tanto a infância quanto a vida adulta.

A necessidade de estudar acerca desse tema está presente desde muito tempo, devido as consequências oriundas do trauma de abandono se repetirem na vida do sujeito, de modo que, muitas vezes o indivíduo não consegue controlar sozinho. A partir disso, vem a necessidade de entender como funciona esse padrão de repetição, sendo necessário voltar ao passado do sujeito, para entender a causa desse sofrimento atual e as heranças deixadas pelo abandono na infância.

O objetivo geral que norteou esse trabalho foi o de compreender o contexto do abandono afetivo e seus impactos nos relacionamentos interpessoais. Para que esse objetivo geral fosse alcançado, houve o auxílio de três objetivos específicos, que foram: identificar características do abandono afetivo, analisar as possíveis heranças desse tipo de abandono nos relacionamentos interpessoais e por último e refletir sobre os possíveis fatores de proteção que reduzam os impactos dessa experiência de abandono.

Este estudo se apresenta a partir de três seções e três subseções, na primeira seção é apresentado as características do abandono afetivo, tais como, o conceito de abandono, desamparo, afetividade, traumas, abandono paterno e teoria do apego. Na segunda seção, é exposto as heranças que contemplam a vida do indivíduo com trauma de abandono, tais quais, o conceito de inconsciente, a repetição sem controle do trauma e como funciona a relação amorosa. E, por fim, a terceira explica a importância da psicoterapia, como fator de proteção para o rompimento do ciclo de abandono, e também como auxilio para autoconhecimento para que o sujeito se encontre dentro de si mesmo.

2 CARACTERÍSTICAS DO ABANDONO AFETIVO

2.1 Conceito De Abandono Afetivo

Para que os vínculos humanos se estabeleçam fortes e duradouros, é

necessário que o sujeito que experimenta tais vínculos tenha possuído relações estruturantes em sua infância. De acordo com o estudo do psicólogo e psicanalista Daniel Schor, acerca do que é abandono afetivo, pode-se concluir que:

> Trata-se, assim, de deformidades que significam verdadeiras estratégias de sobrevivência psíquica, de que a subjetividade termina por lançar mão em decorrência do exílio a que foi submetida. Por esse motivo é que, em nosso entendimento, tais dimensões tornam-se as ressonâncias principais pelas quais podemos escutar o relato de uma história traumática; os ecos mais nítidos pelos quais se pode apreender os efeitos de uma situação de abandono afetivo radical ou precoce (Schor, 2017, p. 36).

De acordo com Mendes, Almeida e Melo (2021), quando relacionamos a questão afetiva no viés psicológico, é possível perceber que, qualquer ação humana que não esteja dominada de afetos, não há possibilidade de acontecer, tanto no âmbito cognitivo, social e intrapsíquico, pois o afeto é indispensável para que haja manutenção das relações humanas.

No que se refere a afetividade, Barros e Bandeira (2020), consideram a afetividade, como a qualidade psíquica que abrange um conjunto de fenômenos que, aparecem no formato de emoções e sentimentos, tais quais podem ser, alegria e tristeza. De acordo com Brasil (2002, *apud* Araújo e Moucherek, 2022), a afetividade tem um valor jurídico, por isso não pode ser excluída, tendo então que estar sempre presente nos vínculos e relacionamentos parentais.

Como já foi mencionado, o afeto é um fator estruturante da manutenção das relações humanas. Nasio (1995), psicanalista e psiquiatra francês, ao falar da analise mutua realizada entre Ferenczi e Groddeck, pontuou sobre a necessidade de ternura e segurança, pois em uma relação extremamente objetivante e manipuladora não poderia ser desenvolvido uma segurança básica.

O sentimento de desamparo, pode estar presentes nas relações em qualquer fase da vida, desde a infância ou vida adulta, a depender da intensidade do trauma, ele pode se apresentar de forma mais presente ou distante.

Laplanche e Pontalis (1988/2022) explicam as variações do significado do trauma. Na visão da medicina significa ferida, porém ao ser trazido ao campo da psicanalise, o termo choque violento também pode ser empregado. O trauma então, seria um acontecimento gerado na vida do indivíduo a partir de sua intensidade. Para

que haja a concreta execução do trauma, o sujeito que o experiencia, possui a incapacidade de reagir diante do mesmo, de forma adequada, pois o trauma acarreta uma desordem psíquica na vida do indivíduo. Visto de outro modo, seria um excesso de excitação que o sujeito seria incapaz de controlar. Schor (2017), diz que a angustia é a consequência imediata do traumatismo, pois a angustia é um sentimento de inabilidade na adaptação de situações de desprazer.

Com base nas ideias de Freud (1927/2011 *apud* Oliveira e Ceccarelli, 2019) o nosso desamparo é primordialmente antes de tudo, referentes as forças da natureza, como ciclones, tsunamis. No entanto, muito além das forças da natureza, remete também a uma infância desprotegida, na qual, todos os indivíduos acreditam que, seus pais são heróis que o protegeriam de tudo.

A sociedade tende a estipular os papeis que cada um deve desempenhar. Azevedo e Arrais (2006 *apud* Coelho; Prudente, 2019) salientam que, a maternidade é uma construção social, que dita qual deve ser o comportamento feminino e o diferencia do comportamento masculino, atrelando a função materna a responsabilidade de cuidar dos filhos. Ao pai, também cabe a responsabilidade de cuidar dos filhos, tendo em vista que, quando esse cuidado paterno perde lugar para a ausência paterna, os prejuízos são inúmeros. A partir disto, é importante entender que, cada um precisa desempenhar a sua função, para que a criança cresça segura. “Um pai não pode ser uma mãe; da mesma forma uma mãe não pode substituir um pai” (Dor, 1991, p.57).

Na sociedade, é comum atrelar a função paterna ao termo herói. Klein (1970) enuncia que, um bom pai, é aquele que sempre busca ajudar seus filhos, tanto no campo do desenvolvimento, quanto no das dificuldades. Porém, mais do que isso, um bom pai é aquele que ressignifica a sua própria infância.

No caso de um pai ou quem desempenha essa função, não conseguir suprir essas necessidades, mencionadas por Klein e abandonar afetivamente a criança, muitos prejuízos se fazem presentes:

> O abandono paterno, a depender das condições em que ocorre e da qualidade de afeto ou desafeto proveniente dessa figura, pode ser caracterizado como trauma, uma vez que é um evento de forte impacto à vida psíquica do sujeito que o vivencia, especialmente na infância e adolescência, quando não existem condições emocionais de lidar com tal experiência, ou ambiente acolhedor que pudesse sustentar a falta. (Soares, 2021, p.14).

O abandono afetivo paterno, no âmbito jurídico se configura como um dano extrapatrimonial, pois é do campo imaterial. Saraiva e Rezende (2021), mencionam que, esses danos extrapatrimoniais, se mostram de forma vigente em dois pontos de vista: Nos quais o primeiro se refere a lesão no aspecto moral, pois impacta de forma direta a dignidade da pessoa humana que o sofre e o segundo, se refere a aspectos subjetivos, pois degradam o subjetivo da pessoa humana, no âmbito das emoções, como dor, sofrimento, tristeza e etc.

Domingues e Castro (2022) expõem que as consequências do abandono paterno podem estar presentes não só na infância, como também ao longo da vida caso não sejam ressignificadas. Ao não ser amada pela figura paterna, a criança pode se ver como, um incomodo para aquele que a abandonou, achando que é a causadora do abandono.

Schor (2017) compreendeu a partir dos estudos do psicanalista húngaro, Sandor Ferenczi, que a criança inicialmente pode interpretar que há algo de errado com sua família, porém com o passar do tempo e com a opinião induzida pelos adultos, a criança passa a achar que o problema está nela mesma, pois nunca lhe foi dada a chance de duvidar do contrário, moldando assim sua personalidade na ideia que, ela mesma é a causadora. A criança então, fazendo suas próprias interpretações, achando-se causadora do sofrimento daquele que ama, pode sentir necessidade de, tentar socorrer quem a abandonou do sofrimento que acredita ter causado, tendo assim dificuldade de encontrar um lugar seguro, no qual possa existir (Winnicott,1967/2019).

A ausência de um lugar seguro remete a um trecho de uma carta de Freud citada por Nasio (1995), na qual Freud parafraseando Goethe lamenta a morte precoce de Ferenczi pronunciando o seguinte trecho: “O que fizeram contigo, pobre criança?”. Freud, ao citar essa frase, explicou em poucas palavras, sobre os impactos que as relações primárias não estruturantes, trazem na vida do sujeito, tendo em vista que os impactos reverberam não só na infância, como na vida adulta também.

John Bowlby, psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, trouxe grandes contribuições acerca das relações primárias, ao desenvolver a teoria do apego. As relações primárias do indivíduo, possuem grande influência nas relações que o sujeito terá ao longo de sua vida, se o vínculo que o sujeito possuiu com suas figuras parentais remeta a sentimentos de cuidado e proteção, a criança se sentira segura, por exemplo para pedir ajuda quando sentir que precisa, caso não, a insegurança de

suas relações primárias, passarão a nortear suas relações futuras (Bowlby, 1989 *apud* Lippold *et al*, 2022).

Bowlby (1989;1990 *apud* Bassani, 2019) enfatiza que o ser humano nasce propenso a estabelecer laços emocionais estreitos, sendo este um componente básico da natureza humana. Durante as primeiras fases de desenvolvimento, é de extrema importância que os laços parentais sejam de qualidade, estabelecendo e promovendo proteção à saúde mental futura de um indivíduo.

Existem quatro tipos de apego, explanados na teoria de Bowlby (1969/2022): o apego seguro, o apego ansioso, o apego evitativo e o apego desorganizado. As crianças que possuem o apego seguro, tendem a demostrar sentimentos positivos a si mesmas e aos outros, já as que possuem apego ansioso, evitativo e desorganizado, normalmente possuíram cuidadores, que não puderam atender as suas necessidades básicas.

É possível perceber a partir dos estudos de Bowlby, que não há apenas um dano causado ao sujeito negligenciado, em suas relações primárias, pelo contrário, pode haver muitas implicações na vida do sujeito, que podem vir a ser tanto no âmbito afetivo, quanto existencial.

> Nesse contexto, aponta-se o dano existencial como decorrente do evento abandono afetivo, o qual, por vezes, não gera humilhação, vergonha, mas influi significativamente na trajetória de vida dos filhos, lhes impedindo de ter um desenvolvimento saudável e pleno, constatável de forma objetiva. (Vieira 2020, p.38).

A experiência de abandono, é algo que mesmo ocorrida na infância, mobiliza o sujeito, tanto na infância quanto na vida adulta, pois, sentindo-se incapaz de ser amado pelo seu objeto de amor idealizado, sentimentos como o de desamparo podem vir à tona. Barbosa, Campos e Neme (2021), falam sobre a consequência dessa falta de amor, onde o indivíduo se sente desinteressado pelo mundo exterior e incapaz de investir em novos objetos de amor, tendo assim um comportamento destrutivo com ele mesmo. Impossibilitando a existência de um amor próprio e fazendo com que o sujeito abandonado, se perca buscando o objeto de amor perdido.

Pereira (2023) aponta que, o abandono afetivo paterno, traz um dos danos mais severos, que é o psicológico, pois além de trazer impactos para a vida adulta do sujeito, afeta de modo extremamente negativo, as relações interpessoais do sujeito.

Rupi Kaur (2017), poetisa indiana, traz em um dos seus poemas, o impacto que

a falta de segurança nas relações primárias, traz nos futuros relacionamentos interpessoais do indivíduo com trauma de abandono, quando escreve que, se tivesse experienciado a segurança de perto, pouco teria sido o tempo que teria passado, caindo em braços que não eram seguros.

3 HERANÇAS DO ABANDONO AFETIVO NOS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS

3. 1 O Eu Abandonado Se Torna O Eu Que Abandona

São muitos os mecanismos de defesa, que atuam no inconsciente do indivíduo que possui trauma de abandono. Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra austríaco é considerado o pai da psicanálise e possui o inconsciente como ponto alto de sua teoria. Silva e Lucena (2021) explicam que, a psicanalise emprega o termo inconsciente, tanto como adjetivo quanto como conceito, pois designa tudo aquilo que, está para além do campo da consciência e funciona de forma dinâmica também no campo psíquico.

Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicanalista suíço, foi o fundador da psicologia analítica e desenvolveu sua teoria a partir dos arquétipos. Lacerda Alessandra, Lacerda Aline e Paula (2022), explicam que para Jung, os arquétipos são símbolos que representavam os instintos dos impulsos humanos e que seriam porta de entrada para o inconsciente. Pearson (1994/2017), explicou sobre dois grandes arquétipos, que remetem a situações de abandono, o primeiro que é o arquétipo do inocente, vive dentro do indivíduo e se envolve repetidas vezes em contextos que tragam sofrimento a ele mesmo, de modo com que seja sempre ferido e maltratado, o segundo arquétipo mexe diretamente com a criança interior, fazendo com que, haja sempre o sentimento de abandono, traição, negligencia e desilusão. Esses arquétipos localizados no inconsciente, vem à tona quando o trauma de abandono se faz presente

O trauma é atemporal, pode se manifestar em qualquer fase da vida do sujeito, podendo assim vir à tona, quando não é esperado que ele se manifeste. Quando o que era inconsciente, surge no consciente, o indivíduo precisa de mecanismo que o auxiliem nesse retorno do que até então, estava recalcado. Nasio (2013), explica que o retorno do recalcado é, um retorno ao passado, ao que estava esquecido e

volta a ser vivenciado no presente de forma repetitiva.

O trauma pode se repetir, sem que o sujeito perceba. Freud (1914/2017), em seu texto *Recordar, repetir e perlaborar*, esclarece que, não há a lembrança do que foi esquecido e recalcado, porém, mesmo que não haja a repetição em forma de lembrança, há como ação, uma repetição sem ter consciência que repete. Schor (2017) diz que, o sujeito repete, como se de fato a situação traumática estivesse ocorrendo naquele momento.

No texto *Além do princípio do prazer* de Freud (1920), essa incessante repetição do eu, é explicada como uma inclinação do eu, a reorganizar, tudo que ficou inconclusivo e fora do lugar na vida psíquica do sujeito, funcionando como um mecanismo de manutenção que preza pela integridade do indivíduo.

É comum que, dentro de qualquer relação, principalmente amorosa, haja idealização da pessoa amada, pois além de expectativa, há também muita repetição das relações primárias do indivíduo, seja positivamente quanto negativamente:

> Quando nos apaixonamos por alguém, a coisa funciona assim: nós lhe atribuímos qualidades, dons e aptidões que ele ou ela, eventualmente não tem: em suma, idealizamos nosso objeto de amor. E não é por generosidade; é porque queremos e esperamos ser amados por alguém cujo amor por nós valeria como lisonja. Ou seja, idealizamos nosso objeto de amor para verificar que somos amáveis aos olhos de nossos próprios ideias (Calligaris, 2019, p.89).

Essa inclinação, de ser amado a partir dos próprios ideais, é um retorno ao passado. O sujeito ama e é amado como suas figuras parentais o amaram um dia. Até que haja um rompimento dessa estrutura padrão de comportamento, isso continuará a acontecer, não há como negar o que é vivo no inconsciente. Freud (1925), traz em seu texto *A negação*, que é negando que se toma conhecimento do que está recalcado, mesmo que não seja admitido. O eu, tem uma tendencia a colocar para fora o que considera negativo e para dentro o que considera positivo. Para fora, seria levado ao inconsciente, tudo que é difícil de lidar e para dentro, seria levado ao consciente, o que é mais fácil de lidar.

Conforme diz Nasio (1995, p.92) “O horror, não é fácil de conservar em nossa memória; preferimos esquecer”. Por isso, o eu abandonado, quando ainda não tem estrutura para ressignificar o abandono, nega, coloca para fora, tudo que o remeta a situações de abandono.

4 FATORES DE PROTEÇÃO NO CONTEXTO DO ABANDONO AFETIVO

4.1 A Psicoterapia Como Fator Impulsionante Para O Surgimento Do Verdadeiro Eu

A situação traumática tem uma função imobilizadora na vida do indivíduo, o trauma por ser atemporal pode fazer com que o indivíduo pare no tempo sem perceber e não consiga pedir ajuda, se convencendo que aquilo não tem importância, trazendo impactos significativos na infância e na vida adulta. Ferenczi (1933/2011) explica que quando a personalidade não está totalmente formada, em vez de se defender, o sujeito reage se identificando com tudo aquilo que o ameaça e o agride. Fernando Pessoa (1928), poeta e filosofo português, explica em seu poema Tabacaria, como essa identificação funciona e como muitas vezes o sujeito não consegue escapar.

> Fiz de mim o que não soube. E o que podia fazer de mim não o fiz. O dominó que vesti era errado. Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. Quando quis tirar a máscara, estava pegada a cara (Pessoa, 1928).

O trauma impacta de modo significativo a vida de quem sofre com ele, revivê-lo seja a partir de situações parecidas e lembranças, faz com que ele ainda se mantenha vivo e desempenhe um forte papel na vida do sujeito. Guszmán e Derzi (2021) apontam que os sintomas aparecem a partir da lembrança do trauma e não do próprio trauma em si. Quando a decomposição da memória do trauma é feita, a lembrança do trauma pode então vir a consciência, permitindo assim que as emoções sejam colocadas em seu devido lugar e expressadas de forma correta.

Neste contexto, o indivíduo não consegue muitas vezes simbolizar a situação traumática sozinho, precisando de algo que sirva de fator de proteção para auxiliar na simbolização do sofrimento. A psicoterapia é um forte fator de proteção nesses casos, no entanto é interessante mencionar que: “nenhuma terapia pode alterar os fatos de uma vida, mas pode, isso sim, alterar a narrativa dos fatos - e isso talvez seja decisivo” (Calligaris, 2019, p. 60).

Para que o processo terapêutico possa vir a contribuir na vida do sujeito, é preciso que haja uma relação de confiança com o psicoterapeuta. A confiança é indispensável em qualquer processo terapêutico, principalmente em casos de traumas decorrentes de abandono afetivo paterno, pois o psicoterapeuta vai ser uma figura de

cuidado para o sujeito abandonado. Nasio (1995, p. 93) enumera que Ferenczi trouxe uma contribuição muito boa a nível terapêutico, pois o cuidado que ele depositava nas relações com seus pacientes, não é algo que deveria ser exclusivo da mãe e sim algo que deveria ser demostrado pelas figuras paternas ao longo da vida dos sujeitos, pois é verdade que um não pode existir sem o outro, para que a segurança básica seja instaurada.

É comum que, os seres humanos se aproximem de pessoas que remetam a suas figuras parentais primárias, pois a repetição de padrões de comportamento ocorre antes de tudo no inconsciente, a psicanalise chama essa proximidade de transferência. Laplanche e Pontalis (1988/2022) escreveram que a transferência é um deslocamento de afeto e das referências infantis vivenciadas de forma atualizada. Rupi Kaur (2017) refere-se a figura paterna quando escreve que, ele deveria ser o primeiro homem que se ama na vida e como consequência disso, ocorre a busca dele em outros lugares.

Essa busca incessante pelo objeto de amor primário, muitas vezes resulta em padrões difíceis de serem alcançados. No livro introdutório de Nasio (1995) às obras de Ferenczi, Nasio narra um dos atendimentos de Ferenczi em que, a paciente após dois anos de luta contra o trauma, disse a seguinte frase: Agora que eu o amo, posso renunciar ao senhor. A paciente identificou Ferenczi como parte de suas figuras parentais primárias, podendo então a partir dessa transferência, colocar o passado no seu devido lugar e ressignificar seu presente e consequentemente seu futuro. Ao falar, agora que “o amo posso renunciar ao senhor” ela não falava de Ferenczi, e sim de um passado distante, que ainda estava vigente, porém fora do lugar.

Para que a transferência aconteça é necessário que além de cuidado e respeito, também haja amor, pois com a existência do amor, no sentido de cuidado e preocupação, a história do sujeito pode se ressignificar. Freud (1882, p.12) em uma de suas cartas escreveu que: “como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada”. O indivíduo vítima de abandono afetivo precisa se sentir seguro para que o processo terapêutico caminhe.

Calligaris (2019) explica que a psicoterapia, incluindo a psicanálise, não tem intenção de estabelecer um ideal de normalidade, na verdade, o ideal de normalidade seria nada que barre o indivíduo de viver como quer, dentro dos limites permitidos a partir de sua constituição como pessoa. Ele também explica sobre a ideia de cura, dentro do processo psicoterapêutico:

> Quando a ideia de que curar seria levar de volta um sujeito ao estado anterior a doença, é óbvio que uma psicoterapia não funciona nunca como a extirpação cirúrgica de um cisto ou como a exterminação de uma bactéria, atos que devolveriam o corpo a seu estado anterior. Uma psicoterapia é uma experiência que transforma; pode-se sair dela sem o sofrimento do qual a gente se queixava inicialmente, mas ao custo de uma mudança. Na saída, não somos os mesmos sem dor; somos outros, diferentes (Calligaris, 2019, p. 120).

Outro processo importante, para o entendimento do trauma, é o autoconhecimento. Segundo Nascimento (2020) a ausência de autoconhecimento, leva a ciclos repetitivos, e a psicoterapia, feita de forma cuidadosa, pode auxiliar no rompimento desses ciclos repetitivos. O abandono gera muitas vezes solidão e pode ser perigoso as coisas que são feitas por medo de ficar sozinho consigo mesmo. Mary Shelley (1818) escreveu a obra Frankenstein, a qual conta a história de um homem, que ao se mudar para estudar longe da família, se sente tão sozinho que decide dar vida a matéria inanimada, criando um monstro a partir de restos de animais e pessoas; Ao dar vida ao monstro sente medo daquilo que ele próprio criou, sem saber como reagir, abandona o mostro a própria sorte, fazendo com que o mostro queira se vingar de seu criador. Nessa obra, o eu abandonado não tem outra condição psíquica, além de abandonar, tal como as crianças abandonadas, repetem o abandono que passaram em seus relacionamentos e o trazem para a vida adulta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste cenário, observou-se a importância das relações primárias estruturantes na vida do sujeito, dando ênfase na sua infância, pois, como foi abordado nesse estudo, é ela que determina a forma como o sujeito se estrutura em seus relacionamentos futuros.

O sujeito que possui traumas de abandono, tende a repetir a situação traumática de forma não consciente, muitas vezes entrando em relações que o faça reviver o abandono, ou abandonando primeiro, como forma de auto defesa.

Evidencia-se que há necessidade de mais estudos sobre os impactos do abandono afetivo nos relacionamentos interpessoais dos sujeitos, principalmente pesquisas empíricas na área de Psicologia, para além das implicações legais deste

fenômeno na área jurídica.

A partir deste estudo também foi possível verificar a ênfase das pesquisas sobre abandono afetivo na relação mãe-filho, entretanto percebe-se a carência de se investigar também os impactos deste fenômeno na relação pai-filho.

Neste âmbito, um provérbio africano traz uma reflexão: É necessária uma aldeia para criar uma criança. Esse proverbio reforça a necessidade de segurança e cuidado, para o desenvolvimento saudável de uma criança, assim o conceito de aldeia remete a um trabalho conjunto, como deve ser o trabalho das figuras parentais que circundam a vida da criança. Para além das figuras parentais, reforça- se também os papéis desempenhados pelas avós e avôs, que não foram o enfoque desse estudo, porém sabe-se que, essas figuras desempenham uma função importante, em relação a cuidado e apego na vida dos sujeitos.

Neste contexto, não foi o objetivo deste artigo analisar como as outras relações, além das parentais, podem influenciar e impactar no âmbito do abandono afetivo, no entanto isso evidencia um outro ponto para ser explorado em futuras pesquisas.

Por fim, este estudo reforçou a importância dos estudos e aprofundamentos na área de cuidado, apego e das heranças deixadas pela ausência desses fatores, pois podem contribuir para a prática de profissionais da área infantil e familiar, além da psicoterapia individual, como forte fator de proteção para o autoconhecimento e minimização dos impactos do abandono.

[1] Psicóloga (CRP 02/29001) pelo Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). Pós-graduanda em psicologia social (FAMART).E-mail: psistefanyalmeida@gmail.com.

[2] Professora orientadora e docente do Departamento de Psicologia na UNIVISA. Psicóloga (CRP 02/18062). Doutora e Mestre em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: ubiracelmacarneiro@univisa.edu.br

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **Como escrever teses e monografia:** um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: GEN LTC, 2006.

ARAUJO, F.R.S, MOUCHEREK, M.C. Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: Uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, Paulista, 11(15), 1-10, out/nov, 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36934

BANDEIRA, A. L.; BARROS, A. M. Os crimes contra a assistência familiar: as consequências do abandono afetivo paterno na vida da criança/adolescente. **Revista Científica do UBM**, 22(42), 157-183, jan, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.52397/rcubm.v22i42.909

BARBOSA, C.G, CAMPOS, E.B.V, NEME, C.M.B. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. Psicologia USP**,** São Paulo**,** 36(190014),1-10, jun/ago,2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-6564e190014

BASSANI, P.P.P. **Narcisismo patológico e relações de poder:** contribuições a partir da teoria do apego. Repositório Institucional da UCS, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/11338/5991

BOWLBY, J. **Apego e Perda:** Apego - A Natureza do Vínculo (Volume 1). 3ª edição. São Paulo: Martins fontes, 2002.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta: Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos.** 1ª edição. São Paulo: Planeta, 2019.

COELHO, L.B, PRUDENTE, R.C.A.C. **Função materna e função paterna uma vivência contraditória:** psicanálise e cultura. Cadernos de psicologia CESJF**,** 1(1),50-75, 2019. Disponível em:

https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1976

DOMINGUES, A.K, CASTRO, M.G. **Abandono paterno e sua influência na concepção de família.** Repositório institucional Unesp, Franca, 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/238691

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FERENCZI, S. **A adaptação da família à criança**: Obras Completas, IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREUD, Sigmund. **Cartas de Sigmund Freud 1873-1939**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica.** 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão.** 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund**. Obras completas volume 14:** "O homem dos lobos" e outros textos. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GIL. A.C. **Métodos E Técnicas De Pesquisa Social.** 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GUZMAN, M.C, DERZI, C.A.M. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Rev. Subj,** Fortaleza, 21 (1), 1-14, abr. 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e9254

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** 20ª edição. São Paulo: Planeta, 2017.

KLEIN, M., & RIVIERI, J. **Amor, ódio e reparação.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

LACERDA, A.L. R, LACERDA, A.L. R, PAULA, D. S. **Arquétipos da teoria de jung e a sua aplicação na prática clínica.** Runa: São Paulo, 2022. Disponível em:

https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/25604

LAPLANCHE, J, PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanalise**. 5ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2022.

LIPPOLD, B.B, *et al*. **Os desdobramentos do comportamento de apego na vida adulta.** Disciplinarum Scientia, Santa Maria, 23(1), 109-117, mar/ago, 2022.

Disponível em: https://doi.org/10.37780/ch.v23i1.3646

MENDES, J.A.A. ALMEIDA, M.P. MELO, G.V.L.R. Abandono afetivo parental: uma (re)visão crítica, narrativa-sistemática da literatura psico-jurídica em Português**. Psicologia Argumento,** Paraná**,** 39(105), 657-588, jul/set,2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/354087971_Abandono_afetivo_parental_uma_revisao_critica_narrativa-sistematica_da_literatura_psico-juridica_em_Portugues_Parental_'affective_abandonment'_a_critical_narrative-systematic_review_of_psycho-legal_li

NASCIMENTO, M.G. **Psicoterapia: contribuições no processo de autoconhecimento e influência na qualidade de vida**. UNIPÊ, João Pessoa, 2020.

Disponível em: chrome extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.cesuca.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1948/3/MELISSA%20GUIMARAES%20DO%20NASCIMENTO.pdf

NASIO, J.D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NASIO, J.D. **Por que repetimos os mesmos erros.** 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLIVEIRA, G.D.F. CECCARELLI, P.R. Entre a fantasia e a ilusão: o desamparo. **Polêmica,** Rio de Janeiro, 19 (2), 071-083, maio/ago,2019. Disponível em: https://doi.org/10.12957/polemica.2019.47379

PEARSON, C.S. **O despertar do herói interior:** A presença dos doze arquétipos nos processos de autodescoberta e de transformação no mundo. 2ª edição. Cultrix: São Paulo, 2023.

PEREIRA, L.H.R. **A influência da ausência paterna no desenvolvimento emocional do filho:** responsabilidade civil por abandono afetivo. Repositório UFT, Palmas, 2023. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/5749

PESSOA, F. **Tabacaria.** 1ª edição. Língua geral: Rio de Janeiro, 2015.

SARAIVA, L.M.S, Rezende, P.G**. O abandono afetivo e suas consequências.**

Runa, São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/19795

SCHOR, Daniel. **Heranças invisíveis do abandono afetivo:** um estudo

psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática. 1ª edição. São Paulo: Blucher, 2017.

SHELLEY, MARRY. **Frankenstein**. 1ª edição. Princípis: São Paulo, 2019 SILVA,

R.O, LUCENA, L.P. **Origem e deslocamentos do inconsciente em**

sigmund freud. Polymatheia: Revista de Filosofia, Fortaleza, 12(21), jul/dez, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5740.

SOARES, N.C.**O impacto psicológico do abandono paterno na infância.** Unifaat, São Paulo, 2021. Disponível em: http://localhost:8080/xmlui/handle/123456789/336

STAKE, R.E. **Pesquisa Qualitativa:** Estudando Como as Coisas Funcionam. 1ª edição**.** Porto Alegre: Penso, 2011

VIEIRA, I.O.S. **Abandono afetivo:** formas de prevenção aos danos causados aos filhos pela omissão parental. Locus Ufv, Viçosa. 2020. Disponível em: https://locus.ufv.br//handle/123456789/27966

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** 1ª edição, São Paulo: Ubu editora, 2019.